



As Novas Condições de Produção das Ciências da Informação e da Comunicação na América Latina: gargalos e dilemas¹

Margarethe Born Steinberger-Elias²
Universidade Federal do ABC(UFABC)

Resumo

Muito já se discutiu no campo das Ciências da Informação e da Comunicação (CIC) sobre como as novas tecnologias impactaram a difusão de informação midiática, mas pouco se falou sobre o valor das ferramentas tecnológicas como condição da pesquisa em grande escala que passa a ser requerida nesse campo. Enquanto gigantescos repositórios de informação aguardam que pesquisadores latino-americanos de CIC desenvolvam *expertise* tecnológica para abordá-los, os detentores desse *know-how* ferramental - profissionais de Informática, Métodos Matemáticos, Engenharia e até Biologia - já tomam a dianteira na tarefa de desenvolver as nossas "sciences sociales électroniques". A maioria deles nem cogita de bom texto, faro jornalístico ou intuição privilegiada. O objetivo de nosso trabalho é reunir informações sobre atitudes e mentalidades no meio acadêmico-científico brasileiro e francês em torno desta questão.

Palavras-chave

ciências das informação e comunicação; sociologia da ciência; imaginário; tecnologia; mentalidades.

1. Introdução: das TIC às CIC

Em um trabalho anterior (STEINBERGER, 2006), propus que o jornalista passasse a ser visto não só como produtor, mas também como consumidor de informação, destacando o fato de que as novas tecnologias modificaram as condições de produção da notícia. No presente trabalho, avanço para além das práticas profissionais no campo jornalístico, e aponto como também as práticas científicas no campo mais geral da Comunicação – que se inclui nas Ciências Sociais Aplicadas – foram afetadas pelas novas tecnologias.

Este trabalho toma como foco de discussão o problema de incorporar conhecimento tecnológico à formação de cientistas sociais em geral e de cientistas da comunicação em particular. Isso já vem ocorrendo há bastante tempo no campo das Ciências da Informação (MÜLLER et al.) através da adoção de recursos automáticos de tratamento

¹ Trabalho apresentado ao IX Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação a realizar-se em Curitiba de 4 a 7 de setembro de 2009.

² Doutora em Comunicação e Semiótica, professora do Programa de Mestrado em Engenharia da Informação da UFABC e pesquisadora da área de Comunicação Cognição e Linguagem. mborn@ufabc.edu.br



da informação, facilitando, por exemplo, os processos de indexação e recuperação. Considerando que o estudioso da Comunicação ocupa-se de materiais cada vez mais volumosos e complexos envolvidos na troca de informação, a denominação Ciências da Informação e Comunicação (CIC) contempla essa demanda tecnológica sem comprometer a prevalência da dimensão social nas trocas comunicativas.

A motivação para discutir o problema não é recente. Nos últimos dez anos, desenvolvi com meus alunos algumas dezenas de projetos de pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas, todos baseados em informação midiática, e a grande maioria tomando como fonte o noticiário jornalístico veiculado pela mídia impressa. Mesmo assumindo que o espaço midiático é uma representação precária do espaço público, recorri à mídia como repositório informacional não só por sua facilidade de acesso, mas também pelo seu potencial como instrumento da memória social.

Na moldura de uma história das mentalidades (LE GOFF), de uma história do cotidiano ou de uma história imediata (TÉTU), o registro periódico dos fatos e seus modos normatizados de organização tal como adotados pelos gêneros jornalísticos garantem uma relativa credibilidade. Essa credibilidade não se vincula aos preceitos realistas que distinguem o verdadeiro do falso a partir de fundamentos lógicos ou de verificações empíricas. É uma credibilidade fundada na legitimação social, ou seja, numa espécie de corroboração coletiva que atesta mais a verossimilhança do que a verdade e dá-se por satisfeita com isso (STEINBERGER, 2005).

Digamos que a mesma idéia de trabalho colaborativo que emerge de uma produção coletiva como a Wikipedia, onde os verbetes vão sendo reescritos até que todos os interessados se dêem por satisfeitos, já existisse como prática social também nas mídias tradicionais. Enquanto a sociedade cobrasse mais informação sobre um tema, ele continuaria sendo investigado e “reescrito” pelos jornalistas como representantes socialmente designados para fazê-lo. No palimpsesto da mídia, um tema esgota-se quando deixa de ser requerido pela demanda social.

Assumindo esse pressuposto, por mais polêmico que seja, a mídia poderia ser tratada como repositório da memória cotidiana de uma sociedade. O objetivo desse trabalho é



caracterizar algumas atitudes e mentalidades de pesquisadores em Ciências da Informação e da Comunicação (CIC) franceses e latino-americanos em relação às novas ferramentas tecnológicas disponíveis para o tratamento da informação nesse gigantesco repositório. Então, é um estudo sobre as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) como meio de desenvolvimento das CIC. Ou, dito de modo mais breve: o uso das TIC nas CIC.

O trabalho será apresentado em duas partes. Na primeira, que reúne as seções 2, 3 e 4, serão tratados vários aspectos do problema com base no relato de fatos e experiências. Na segunda, que reúne as seções 5 e 6, serão discutidas contribuições de autores latino-americanos e franceses que já se debruçaram sobre o problema.

2. Ferramentas de tratamento da informação jornalística

O principal problema no desenvolvimento de trabalhos de pesquisa com base em dados extraídos do noticiário jornalístico não é a credibilidade do material, mas sim os modos de coleta e tratamento dos dados.

No começo desta década, o acervo digitalizado de notícias no espaço latino-americanos era ainda limitado. Além disso, a consulta só era disponibilizada ao público em situações de exceção, para pesquisadores, por exemplo. A partir de 2000, a maioria dos veículos de comunicação brasileiros passou a cobrar por material consultado ou copiado, o que gerou forte impacto sobre o desenvolvimento das pesquisas.

Alie-se a esse tipo de dificuldade o problema do tratamento das informações. Meus alunos da pós-graduação de Jornalismo da PUC-SP não tiveram em sua formação nenhum preparo na área de processamento automático de informação. Por exemplo, uma aluna pesquisou, em períodos intercalados, doze anos de notícias na área de turismo publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*, com o objetivo de realizar um estudo do imaginário turístico brasileiro sobre destinos turísticos na América Latina comparando os períodos de ditadura ao de redemocratização (OKUYAMA 2004). As informações foram colhidas e analisadas a mão, sem auxílio de qualquer ferramenta de mineração de dados ou mineração de textos. Tais ferramentas fazem parte do conhecimento



disponibilizado para alunos de Ciências da Computação e não para alunos de Comunicação Social.

A tecnologia disponível para tratamento de material jornalístico continua ainda hoje restrita aos bancos de dados das empresas jornalísticas. Bases de informações jornalísticas hoje já estão acessíveis através da Internet, mas os recursos de tratamento desse tipo de informação limitam-se à aplicação de programas caça-palavras. Em 2003, orientei uma outra aluna, que chefiava o Banco de Dados da *Folha*, em um estudo sobre o funcionamento do Banco e seus modos de organizar a informação (PEREIRA 2003). Entre outras contribuições, seu trabalho demonstrou o papel decisivo que o suporte do Banco de Dados podia oferecer à Redação em situações completamente inesperadas como o atentado às Torres Gêmeas em 2001. A construção de bases de dados estruturados é objeto de estudo de cientistas da Computação e não se inclui nos currículos de Comunicação Social.

A coleta e indexação de imagens jornalísticas também pode ser fundamental como fonte para o desenvolvimento de investigações na área das CIC. Não só elas permitem compreender e aperfeiçoar os processo de produção da imagem, como também são material valioso para entender sua recepção social. Uma aluna que controlava a mesa de edição das imagens produzidas diariamente pelo helicóptero *Robocop*, da Rede Globo, que fazia cobertura jornalística sobrevoando a cidade de São Paulo, escreveu a primeira dissertação brasileira sobre a história da reportagem aérea (TINTI 2003). A etiquetagem automática de imagens é um campo de pesquisa de cientistas da Computação e não é ensinada nos cursos de Comunicação.

Ainda um outro exemplo pode ser dado através de um trabalho de pesquisa desenvolvido no ano passado sob minha orientação com o objetivo de investigar a formação de redes sócio-comunicativas na internet. A investigação tomou como base a troca de opiniões sobre a participação de jovens israelenses em iniciativas de reforço à paz em Israel (FUSARO 2008). A aplicação de ferramentas gráficas para construir diagramas representativos dessas redes também não é ensinada nos cursos de Comunicação.



3. Um impasse epistemológico entre cientistas sociais e tecnólogos

Há uma voz corrente em alguns espaços dedicados aos estudos sociais de que qualquer teoria pode ser validada através de métodos matemáticos e computacionais, e que isso se torna mais verdadeiro quanto maior for a destreza do pesquisador no domínio das técnicas.

Nesses termos, a ciência estaria subordinada ao ardid das técnicas e à manipulação das estatísticas. Do lado dos especialistas em métodos computacionais ou em métodos matemáticos, a voz corrente é de que os estudos sociais limitam-se a validação em corpora restritos, o que compromete seu poder de generalização e permite cultivar hipóteses altamente especulativas sem meios de verificação.

Digamos que os dois lados têm uma parte de razão e que, a despeito desse contexto mal resolvido, fossem obrigados a trabalhar juntos. As dificuldades poderiam ser enormes e haveria discussões intermináveis sobre o uso de métodos qualitativos ou quantitativos até que eventualmente se chegasse a uma fórmula mista, tal como vem sendo aplicada hoje em alguns centros mais avançados de pesquisa.

A questão, contudo, torna-se muito mais complexa quando tecnólogos e cientistas sociais têm que chegar a um acordo sobre o objeto a ser pesquisado. A disputa deixa de ser apenas metodológica e torna-se também epistemológica. Cientistas sociais costumam manifestar uma certa resistência ao trabalho com objetos cuja genealogia não foi por eles mapeada.

Em termos foucaultianos (FOUCAULT, 1987), para os cientistas sociais, a investigação sobre a genealogia do objeto faz parte da investigação sobre o próprio objeto. O estudo das condições de produção de um objeto de estudo faz parte do programa de pesquisa e eventualmente reconfigura e redimensiona o objeto, que inicialmente é tomado como tal apenas a título de pretexto para desencadear um processo de aprofundamento e de ressignificação de todo o ambiente em que ele foi inicialmente apreendido. Assim, a trajetória de pesquisa do cientista social é, muitas vezes, voltada mais à construção de concepções do que à exploração de um objeto dado.



Ainda seguindo a nomenclatura de Foucault, pode-se ver os pesquisadores “exatos” muito mais como arqueólogos do que genealogistas. Eles escavam em busca do objeto já pré-estabelecido, concebido, delimitado, e concentram sua expertise nos métodos de busca e recuperação, ou, depois disto, de avaliação e mensuração do que lograram encontrar.

A idéia de que o objeto pode ser construído no próprio processo da procura é aberrante para esses pesquisadores. Em geral, eles são realistas sem saber o que é realismo e eles rejeitam radicalmente os construtivistas sem saber o que é construtivismo. São muito hábeis no domínio de ferramentas de pesquisa e não raro desenvolvem seu trabalho apenas com o objetivo de refinar a ferramenta. O tipo de solução que buscam é uma solução técnica e não uma solução para um problema exterior. A pesquisa “aplicada”, nessa perspectiva, pode ser vista como uma pesquisa “menor” porque eventualmente não contribuirá para o refinamento do aparato de descoberta científica.

Olhando agora essas duas visões epistemologicamente tão distintas, é possível perceber que tanto tecnólogos como cientistas sociais ocupam-se em trabalhar suas ferramentas – sejam elas conceituais, computacionais ou matemáticas.

No caso das Ciências da Informação e da Comunicação, suas ferramentas conceituais são postas em uso para trabalhar conceitos. No caso dos tecnólogos, eles usam suas ferramentas para aperfeiçoar e/ou criar novas ferramentas. Essa dimensão de auto-reflexividade laboral é um dos principais fatores que dificultam a cooperação entre cientistas sociais e tecnólogos.

4. O caminho árduo e os fatores favoráveis à colaboração multidisciplinar

Diante da complexidade crescente dos problemas que a ciência e a tecnologia precisam resolver na aurora do século XXI, uma nova mentalidade começou a desenvolver-se em centros de investigação e universidades espalhados pelo mundo. A idéia da aproximação interdisciplinar vem se tornando cada vez mais popular e a formação de equipes mistas de pesquisa tem sido encarada como um caminho possível para resolver o impasse.



Alguns pesquisadores de áreas humanas e sociais começaram a buscar treinamento no uso de ferramentas estatísticas e computacionais. Os currículos de formação profissional também começam a aparecer mais diversificados, com destaque flagrante para o caso dos engenheiros que buscam competências na área econômico-administrativa. No campo das CIC, algumas universidades francesas já têm grupos de pesquisa organizados que conjugam sociólogos, lingüistas, antropólogos e cientistas políticos a tecnólogos, biólogos, engenheiros, físicos e matemáticos. Como eles conseguiram?

No espaço latino-americano, esse tipo de colaboração é ainda bastante raro, não só por causa das mentalidades que se apegam à consolidação de um espaço ainda jovem no que diz respeito às práticas científicas, mas também porque as próprias instituições vinculadas ao meio científico ainda não se abriram para essa perspectiva.

Em concursos e contratações, os perfis ainda são bastante fechados, de tal modo que um professor de Comunicação Social tem que ter graduação em Jornalismo, ou um professor de Ciências da Computação geralmente não leciona em cursos de Engenharia. Talvez no que se refere à docência e, portanto, à formação de novos quadros “disciplinares”, tais práticas até tenham algum sentido, mas podem tornar-se limitadoras e negativas quando estendidas ao território da investigação científica.

Os próprios comitês de avaliação da produção científica dos pesquisadores também ainda não adotam práticas colaborativas interdisciplinares. Em anos recentes, foi agregado ao conjunto de comitês de avaliação da Capes um comitê multidisciplinar, o que não deixa de ser uma garantia de que os demais comitês fiquem preservados para o tratamento estrito das questões disciplinares de pesquisa. A taxonomia das áreas também vem sofrendo algumas alterações, com capilarização de algumas áreas, mas sempre preservando as fronteiras disciplinares maiores.

A opção de pesquisadores de diferentes regiões da América Latina de tomar como objeto de pesquisa a história da construção das CIC como campo de saber tem contribuído muito. Isto motivou algumas iniciativas importantes que têm sido tomadas no âmbito do CNPq, fomentando projetos inter-institucionais no âmbito do Mercosul.



Os fluxos de transmissão e intercâmbio de conhecimento científico entre os países da América Latina têm sido alvo de estudos valiosos como os do argentino Cimadevilla e dos brasileiros Melo, Gobbi, Fadul.

O processo de aproximação multidisciplinar beneficia-se muito da ação de grupos internacionais organizados que valorizem a diversidade entre seus membros. Entidades como a ALAIC e a INTERCOM têm estimulado regularmente essa aproximação entre pesquisadores dos diferentes países do subcontinente latino-americano. Tais esforços representam um enorme esforço de integração científica, mas ainda incidem mais sobre um foco de diversificação geográfica do que disciplinar.

Iniciativas de aproximação mediante fóruns e conferências inter-institucionais e internacionais também têm um papel muito importante, permitindo vislumbrar um horizonte de trabalho comum. Recentemente, foi organizado em Brasília um evento que reuniu representantes de países latino-americanos para discutir políticas integradas de tratamento da informação e de conteúdos digitalizados. Uma frente interdisciplinar de pesquisadores começa a movimentar-se para organizar o campo da Comunicação e Informação a partir de seus principais desafios e problemas e não mais em suas sub-áreas. A premência de atendimento das demandas sociais nesse campo tão vasto começa a reunir parceiros diferenciados, mas com competências complementares, capazes de desenvolver soluções voltadas especialmente para o espaço comunicacional latino-americano.

O poder de pressão institucional pode ser um fator decisivo para instalar um ambiente de multidisciplinaridade. Desde 2006, passei a fazer parte de uma experiência pioneira no Brasil: a criação de uma universidade multidisciplinar. A Universidade Federal do ABC (UFABC), em Santo André, SP, traz em seu projeto pedagógico a proposta inovadora de agregar cientistas sociais e cientistas das áreas exatas e biológicas. Não há departamentos e a universidade é dividida em três centros. Centro de Matemática Cognição e Computação, Centro de Ciências Naturais e Humanas, Centro de Engenharia Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas. Um pesquisador de Comunicação e Linguagem pode tratar de aspectos sócio-cognitivos da comunicação com interlocutores do primeiro centro; pode tratar de problemas de linguagem com parceiros



do segundo centro; e no terceiro centro poderá encontrar engenheiros interessados, por exemplo, em avaliar o impacto social de uma construção.

Assim descrito, parece que apenas uma penada governamental é capaz de converter a multidisciplinaridade em realidade institucional. Não é, embora um elemento facilitador tenha sido a decisão de só contratar doutores, o que garante um clima de relativa homogeneidade dos níveis de competência e eventualmente uma interlocução atenta em relação a conteúdos de outras áreas. O cotidiano de uma instituição como essa mostra, contudo, que é preciso um esforço constante para manter a proposta multidisciplinar. É muito mais fácil lidar com interlocutores da mesma área e a capacidade de adaptação e negociação é bastante variável.

A concentração das pesquisas em torno de um campo previamente delimitado pode facilitar a aproximação. Nos anos 90, trabalhei durante mais de quatro anos no Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim. Ali havia historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos, linguistas, cientistas políticos, economistas, teóricos da literatura e cultura, etc. Todos tinham a América Latina como objeto, o que poderia ser um elemento facilitador da interlocução, se comparado ao projeto da UFABC. Mas o que prevalece é a afinidade de interesse em torno de um campo aproximado de problemas. E isto nos remete de volta ao impasse epistemológico, que se verifica não só entre cientistas sociais e tecnólogos, mas também entre cientistas sociais de diferentes formações.

Um outro fator interessante de aproximação pode ser o geográfico, como no caso da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que, por sua localização próxima à região de fronteira, desenvolveu um núcleo de pesquisas com foco na integração regional e na comunicação intercultural (SILVEIRA&LÜBECK).

5. Como os franceses lidam com o problema? Das CIC às STIC

Pesquisadores franceses investem cada vez mais na idéia de construir um “espaço de questionamento científico compartilhado”, onde o objeto de pesquisa possa emergir durante as interações de pesquisadores de diferentes formações. Esse conceito de



prática científica distribuída baseia-se numa abordagem sistêmica sobre o papel da informação na pesquisa multidisciplinar. Muitos centros de pesquisa passaram a adotar a nomenclatura Ciências e Tecnologias da Informação e Comunicação (STIC). O Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) chama os novos conglomerados de pesquisa que vêm surgindo a partir dessa perspectiva de redes temáticas pluridisciplinares (réseaux thématiques pluridisciplinaires - RTP). Tais redes representam um mapa de caminhos emergentes de pesquisa (GARBAY).

O uso de sistemas de busca e recuperação de informação como o Google permite não só organizar de modo automático a informação colhida como também explorar padrões de comportamento dos usuários e colocar num ranking o resultado das buscas. Esses novos métodos, ao invés de classificar por número de ocorrências em uma página, exploram o conhecimento criado coletivamente que fica implícito na estrutura dos links. Portanto, estamos lidando com estruturas de conhecimento, um produto cultural construído pelos próprios usuários.

GARBAY reconhece que tudo isso gera mudanças importantes no modo de conceber e tratar a informação. A autoridade de um site é medida em relação aos links que mantém com as páginas-tronco das autoridades no assunto. Portanto, novos parâmetros passam a ser considerados para atribuir valor a uma informação. E esses exemplos são apenas uma pequena amostra de grandes transformações. Uma análise do processo informacional em múltiplos níveis pode revelar o desenvolvimento de ações paralelas nas dimensões cognitiva, computacional, cultural e política.

As novas condições de produção das CIC levam alguns pesquisadores franceses a chamá-las também de Ciências de Processamento da Informação, abarcando desde a interação entre usuários e tecnologias, os novos sistemas tecnológicos e seus ambientes, até as novas tecnologias do conhecimento, que colocam ênfase na construção dos significados da informação. Passamos dos meios às mediações (MARTÍN-BARBERO) e agora das mediações para as redes. As mediações são agora parte de redes sócio-comunicativas dinâmicas processadas em interfaces biológicas, cognitivas e sociais. Dessas redes participam também sistemas não-humanos, o que as torna híbridas.



Nossos novos modos de construir conhecimento causam impactos neurofisiológicos e nos aproximam do campo das ciências biológicas e da Neurociência. Além de gerar novos objetos de pesquisa e desafiar as fronteiras disciplinares devido à expansão de nossa capacidade de observação, passamos a necessitar de processos mais sofisticados de armazenamento de informação para não sobrecarregar tanto a memória.

As novas condições de produção das CIC também envolvem novos procedimentos para organizar a informação relacionados a novos modos de reutilizar (reciclar) e de atribuir valor à informação. Deixamos de aprender informações e passamos a aprender modos de buscar informações. Mudaram as condições de apropriação da informação, portanto. Além disso, a diversidade de perspectivas introduzida pela multidisciplinaridade permite modelar os objetos de modo mais amplo e detalhado, fazendo emergir novos instrumentos de práticas coletivas e, de modo auto-reflexivo, novos espaços disciplinares e interdisciplinares.

A comunicação interdisciplinar implica em mobilidade de conceitos, já que não é possível assumir uma correspondência exata entre os conceitos e teorias adotados de um campo para outro (BOULLIER 2001). Caberá ao representante de cada campo explicar teorias e modelos e promover o reconhecimento e desenvolvimento de referentes múltiplos e complementares a partir dos quais tais teorias e modelos poderão ser esclarecidos e criticados.

De acordo com DOSSE (1995), trata-se de compreender o significado do que o outro diz através de um entendimento sobre o campo de escolhas que ele teve à disposição. Só assim é possível avaliar o domínio de aplicação de uma teoria e seu poder de generalização. Também só assim é possível validar modelos, já que, através da simulação de alternativas, delimita-se o domínio necessário à validação dos resultados.

6. Os latino-americanos e sua “desconexão anunciada”

Na América Latina, a fé e a ciência caminham às vezes muito próximas, o que viabiliza a projeção coletiva de esperanças no desenvolvimento e domínio de novas tecnologias como meio de alcançar maior progresso social (DIAZ, 1998). Mais recentemente,



CABRERA, 2006 insiste nessa visão ao apresentar duas matrizes para a construção do imaginário social sobre as novas tecnologias: a matriz mágica e a matriz profético-apocalíptica. O imaginário tecnocomunicacional garantiria o empenho do presente em benefício de um futuro que continuaria sempre adiado. Não é para este cenário, contudo, que aponta o fenômeno recente de expansão das classes médias no Brasil, ainda que, *grosso modo*, ele ainda se aplique à conjuntura latino-americana em geral. A tecnologia também pode ser vista como instrumento de emancipação (FLICHY, 2001).

A expressão “desconexão anunciada” foi empregada por CIMADEVILLA, 2004, em um estudo sobre as redes temáticas no campo ambiental para caracterizar o descolamento entre experiências midiáticas e experiências práticas. Aqui vamos nos apropriar da expressão para caracterizar alguns fatores que dificultam a incorporação de competências tecnológicas à formação do pesquisador de CIC no espaço latino-americano.

LAGE, 1996 já demonstrava a mesma preocupação, só que não especificamente com o pesquisador, mas sim com a formação profissional do jornalista. Ele fala da necessidade de uma “reciclagem inclusiva” que obrigue os jornalistas a acrescentar novas habilidades ao seu perfil: “o manuseio de sistemas informatizados e o conhecimento de processos de telemática”. Segundo o autor, jornalistas e projetistas gráficos “não têm seus empregos ameaçados pela tecnologia a curto e médio prazos”.

A questão do trabalho e emprego é um aspecto fundamental para o estudo das novas condições de produção das CIC na América Latina. Considerando as condições precárias em que quase sempre se dá a pesquisa no espaço latino-americano, a reciclagem do pesquisador esbarra em dificuldades muitas vezes insuperáveis. Portanto, além da questão conceitual e metodológica sobre o modo mais adequado de enfrentar os novos desafios de pesquisa, coloca-se também a questão da viabilidade prática dessa empreitada.

É nesse sentido que se anuncia aqui uma desconexão entre o domínio tecnológico e o domínio conceitual na produção das CIC. O efeito perverso de tal fenômeno é a tendência de apropriação gradual do que seriam temas e problemas de pesquisa em CIC



por pesquisadores em geral mais jovens (que convivem mais amigavelmente com a tecnologia) ou com formação baseada em métodos computacionais e/ou métodos matemáticos.

A implementação de soluções de colaboração interdisciplinar, já dificultada pelos fatores apontados na seção 4, ainda fica mais comprometida num ambiente marcado pela instabilidade de trabalho e emprego. Prevalece o espírito de privatização das competências e instalam-se ambientes de alta competitividade. Resulta daí uma inevitável degradação das condições de trabalho e amplia-se o gap em relação aos centros de pesquisa mais avançados do exterior.

Numa visão inicial e bastante genérica sobre o problema, pode-se dizer que o pesquisador latino-americano, diante da transição profunda por que passam as CIC, procura agarrar-se aos temas específicos que ele conhece melhor, geralmente os relacionados ao seu entorno social e geográfico. Evidencia-se uma tendência para abordagens de micro-sociologia da Comunicação, de sociologia do trabalho em Comunicação, de história local da Comunicação, de ações culturais vinculadas à Comunicação, etc. A limitação tecnológica também influi sobre a prevalência da escolha de métodos qualitativos e de abordagens temáticas mais propensas ao ensaísmo.

Mais a longo prazo, considerando o volume de recursos requeridos para o desenvolvimento de uma contrapartida tecnológica para a atual formação predominantemente conceitual de competências no campo das CIC, anuncia-se também sua aproximação de um domínio mais centralizado da informação na esfera governamental dos diferentes países.

Isso, no que se refere ao acesso e provisão de informação regional latino-americana em grande escala. Em pequena escala, a sociedade tende a incorporar cada vez mais a tecnologia em seu cotidiano. A adoção em massa dos telefones celulares no Brasil é um exemplo de como os recursos tecnológicos são avaliados pela sociedade sem a intervenção da expertise no campo das CIC. O cidadão faz suas escolhas de modo independente e passa ao largo das competências científicas.



A legislação e regulamentação dos processos de produção, armazenamento e recuperação de conteúdos, ainda que discutida no espaço mais amplo da sociedade, também tende a favorecer grupos de controle da informação, agora ainda mais potencializados pelas novas tecnologias. Ao pesquisador latino-americano no campo das CIC, restarão as opções da desconexão ou da adesão à tecnologia como meio de garantir os valores que historicamente lhe têm sido caros: autonomia e senso crítico, direitos humanos e democracia. E como tal, ele não irá distinguir-se de qualquer outro cidadão latino-americano, para o qual competência técnica e competência comunicativa tendem cada vez mais a identificar-se.

Referências bibliográficas

Boullier, Dominique. (*apud* Garbay) Contribution à la définition d'un programme de couplage STIC/SHS dans le cadre du domaine « Interactions Humaines » du département STIC, Communication interne, Département STIC, août 2001.

Cabrera, Daniel. *Lo Tecnológico y lo Imaginario: las nuevas tecnologías como creencias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires, Biblos, 2006.

Cimadevilla, Gustavo (comp.). *Comunicación, tecnología y desarrollo: debates actuales*. Córdoba: Universidad Nacional de Río Cuarto, 2004.

Diaz, Esther (ed.) *La Ciencia y el imaginario social*, Buenos Aires, Biblos, 1998.

Dosse, François. *L'empire du sens*, Paris : La Découverte, 1995.

D. Dubois et H. Prade. La problématique scientifique du traitement de l'information, *Revue I3*, Vol. 1, N°2, 2002.

Fadul, A. & Dias, P.R & Kuhn, F. “Contribuições para a pesquisa sobre o campo da Comunicação”. In: *Comunicação e Sociedade*, n.36, ano 23. São Paulo, Umesp, 2001.

Flichy, Patrice *Lo Imaginario de Internet*, Madrid, Technos, 2001.

Foucault, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

Fusaro, K.& Steinberger, M. “Estudo sobre a formação de redes sociais de informação geopolítica através de noticiário sobre o conflito palestino-israelense”. Trabalho apresentado ao Endocom, evento do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

Garbay, Catherine. “Le Rôle de la Science de l'Information dans la Recherche Interdisciplinaire: une approche systemique”. *Revue Interdisciplines*. Acesso em 10.07.09. http://www.interdisciplines.org/interdisciplinarity/papers/2/4/2#_4

Gobbi, Cristina. *A Batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos da Alaic*. Cátedra Unesco/Methodista, UMESP, 2008.



Kerckhove, Derrick de, *Inteligencias en conexión: hacia una sociedad de la web*, Barcelona, Gedisa, 1997.

Lage, Nilson. “Convergência Tecnológica”. In: Congresso Nacional dos Jornalistas, 27. Porto Alegre, 1996.

LeGoff, Jacques. *Memória e História*, Campinas: Campus, 1998.

Luhmann, Niklas *Beobachtungen der Moderne*. Westdeutscher Verlag, 1992.

Martin-Barbero, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed.UFRJ, 1997.

Melo, José Marques. *O Pensamento Comunicacional Latino-Americano*

Müller, S. & Miranda & A. Suaiden, *A Pesquisa em Ciências da Informação no Brasil: trabalhos apresentados no IV Enancib, Brasília, 2000*. Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 23/24, n.3, p. 293-308, especial 1999/2000.

Okuyama, Thiery. *O Imaginário jornalístico brasileiro sobre a América Latina nos cadernos de turismo*. Pesquisa sob orientação da Profa.Dra.Margarethe Born Steinberger, PECJOR/PUCSP, 2004.

Pereira, Florência. *Do Arquivo de recortes à informação on-line: centros de documentação jornalística e o Banco de Dados Folha*. Pesquisa sob orientação da Profa. Dra.Margarethe Born Steinberger, PECJOR/PUCSP, 2003.

Silveira, Ada Cristina & Lübeck, Elisa.”A exclusão digital e a apropriação da internet no contexto rural brasileiro” in: Cimadevilla, Gustavo (comp.).

Steinberger, Margarethe “O Jornalista como Consumidor de Informação” Eptic, vol..

Steinberger, Margarethe *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*, FAPESP, 2005.

Tinti, Giglione. *A Importância da reportagem aérea na megalópole paulistana*. PECJOR/PUCSP. Pesquisa sob orientação da Profa.Dra.Margarethe Born Steinberger, 2003.

Verón, Eliseo. *La Semiosis Social*. Barcelona: Gedisa, 1998.

Vizer, Eduardo. *La Trama (in)visible de la vida social: comunicación, sentido y realidad*. Buenos Aires, La Crujía, 2003.

Wolton, Dominique, *A Internet, e depois? Uma teoria crítica dos novos meios de comunicação*. Porto: Alumbamento,